Tristão Gonçalves de Araripe segundo Oswald Barroso

Geová Sobreira

"A história do Ceará é triste, quase de angústias
e de dores. Aos esforços de todo momento
sucedem desastres desconhecidos; às suas
glórias sobrevêm lágrimas, que alguém
nunca verteu, humilhações de todo gênero".
(João Brígido, *Miscelânea histórica*, 1889)

"Foi o Ceará uma das províncias brasileiras
que mais entusiasticamente adotou a
causa da Independência Nacional".
(Tristão de Alencar Araripe, *Revista do
Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do
Brasil.* Tomo XLVIII, 1885)

As celebrações do bicentenário da Independência do Brasil têm motivado muitas reflexões, espetáculos e releituras dos acontecimentos históricos que levaram a antiga colônia a romper os laços com a monarquia portuguesa. Nos anos 1500, quando as naus portuguesas aportaram no litoral da Bahia, defrontaram-se com um imenso território muito mais vasto do que as terras lusitanas. A ocupação do Brasil foi-se processando lentamente mediante distribuição de imensas porções de terras, dedicadas à atividade extrativista de madeira, de ouro e de implantação de engenhos de açúcar e da produção de tabaco, de algodão e de cacau.

A partir do século XVIII, a colônia começou a apresentar anseios de modernização por influência de ideias "iluministas". Foram severas as reações da monarquia portuguesa e da Santa Inquisição implantando em toda a colônia a proibição do ingresso de jornais, revistas

e livros na tentativa de conter as nefastas influências de ideias francesas que estavam sendo difundidas pelo mundo inteiro. O marquês de Pombal (1750-1777) marcou negativamente o desenvolvimento do Brasil com rígidos controles fiscais e com drásticos aumentos de impostos sobre produtos minerais, além de expulsar a Companhia Jesuíta do Brasil, fechando seus colégios e confiscando todos os seus bens, levando-os para Portugal.

O século XIX surgiu gerando grandes perspectivas de mudanças e de desenvolvimento econômico, social e político. Em 1801, o bispo da Província de Pernambuco, Dom Azeredo Coutinho, fundou o Seminário de Olinda, oferecendo aos filhos dos grandes proprietários de terra e donos de engenho a oportunidade de obterem sólida formação cultural sem ter que se deslocar para Portugal para frequentar a Universidade do Porto. Em 1807, a monarquia portuguesa teve que se transferir para o Brasil para fugir dos exércitos de Napoleão que haviam invadido Portugal. Foram realizadas grandes obras no Rio de Janeiro de melhoramento urbano e de transformações econômicas e sociais como fábricas de produtos básicos, moinho de trigo, instalações militares, teatros... Surgiram então as novidades da moda e do requinte social, por naturais exigências da vida na corte, constituída por barões do açúcar, viscondes do café, marqueses da pecuária, condes de minas de ouro e de diamantes e da presença do corpo diplomático internacional, além de comerciantes estrangeiros e de ricos traficantes de escravos. Tudo isso em efervescente ebulição provocou profundas mudanças na vida social da colônia. Esse surto intenso de desenvolvimento econômico e social e a abertura dos portos brasileiros às nações amigas levou o príncipe regente a elevar a antiga colônia à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves.

No entanto, em 1815, dois grandes eventos políticos inquietaram as elites lusitanas radicadas em Portugal: o primeiro foi a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves e ainda sendo sede da monarquia portuguesa. O outro evento foi a derrota de Napoleão Bonaparte na Batalha de Waterloo, em 18 de junho de 1815. Napoleão, derrotado e preso, foi enviado para o exílio na ilha de Santa Helena. De imediato, as tropas francesas foram impelidas a

deixar a[redacted] terras lusitanas. A monarquia port[redacted]
existia[redacted] mais razões para a sede do governo [redacted]
uma co[redacted]nia na América.

A pa[redacted]ir de 1817, foram aumentando as ten[redacted]
sas com[redacted]s articulações das lideranças pernamb[redacted]
pelas id[redacted]as iluministas e pelo exemplo da in[redacted]
tramava[redacted] abertamente a completa ruptura co[redacted]
Em 6 de[redacted]março de 1817, explodiu a Revolução [redacted]
que teve a[redacted]o Crato em 3 de maio

e esmag[redacted]e maio de 1817. Foram presos os
princip[redacted]ar: Dona Bárbara, José Martiniano,
Tristão [redacted] José e Leonel Alencar. Até a prisão e
o esma[redacted]epublicanos do Crato, Tristão Gonçalves
era ape[redacted]or de engenho impetuoso e valente, filho da
podero[redacted]Bárbara Pereira de Alencar.

Em [redacted]*a Revolução*, Oswald Barroso deteve-se a esmiuçar as q[redacted]s e os arroubos políticos do jovem seminarista, José Martini[redacted]lencar, emissário do padre João Ribeiro, Presidente da Revolu[redacted]rnambucana, para liderar e comandar a Revolução Nativista no[redacted]eará. "Bárbaros e visionários" era o dístico feliz para os audazes revolucionários da curta história da república do Crato. A reação movida pelo Governador do Ceará, Manoel Inácio Sampaio, português ambicioso e violento, contra os rebeldes republicanos do Crato foi drástica e severa. Os prisioneiros detidos na cadeia do Crato, mantidos sob forte esquema de segurança por receio de fuga, foram transferidos para Vila de Icó e, em junho, conduzidos para Fortaleza numa jornada dramática e estafante. Os prisioneiros foram expostos à execração e insultos públicos em todos os povoados e vilas. Em Fortaleza, por determinação do Governador Sampaio, os prisioneiros foram jogados em masmorras horríveis, imundas e fétidas do Campo da Pólvora.

A situação na cadeia pública do Campo da Pólvora era degradante e desumana. Não havia as mínimas condições de higiene. A comida ser-

vida em cocho de madeira, como se para animais fosse, era de péssima qualidade e pouca. Tristão Gonçalves revoltou-se e ameaçou explodir o Campo da Pólvora e soltar todos os presos. Seria uma tresloucada aventura o intento de Tristão. Dona Bárbara conteve a impulsividade do filho. Denunciou o plano ao governador. O padre Gonçalo Loyola, que depois acrescentaria a seu nome a palavra "Mororó", intercedeu pelos prisioneiros junto ao governador, que aquiesceu e mandou proporcionar melhorias nas masmorras e distribuir roupas para os prisioneiros.

No março de 1818, os prisioneiros cearenses foram transferidos para as cadeias da Bahia, com uma curta parada nos cárceres do Recife. Em julho de 1818, a caravana de presos políticos do Nordeste foi despejada nos cárceres da Bahia, onde permaneceram até janeiro de 1821.

Naquele largo período, quase dois anos, o seleto e culto grupo de prisioneiros (padre Muniz Tavares, Cipriano Barata, José Martiniano de Alencar, Frei Caneca, padre Carlos José, Antônio Carlos de Andrade e Silva, Tristão Gonçalves) e outros mais resolveram, na ociosidade do cárcere, discutir o futuro do Brasil e construir planos para, no futuro, que se almejava próximo, romper com o jugo português e implantar a República Federativa e sem escravos.

Naquele período de quase dois anos passados nas masmorras da Bahia, Tristão Gonçalves se transformou de um jovem impetuoso e valente, dono de engenho no sítio Pau-Seco, no sul do Ceará, em um grande líder político e condutor de massas populares que marcará a história da Independência do Brasil e a construção da unidade territorial brasileira. Com muita propriedade, Oswald Barroso relata que cronistas da época e historiadores da posteridade definiram a heroica e até sublime trajetória de Tristão Gonçalves Araripe cognominando-o "alma afoita da revolução". Tristão foi quem deteve o major Fidié, que pretendia subjugar o Piauí, prendendo-o e deportando-o. A pedido do imperador Pedro I, ao lado de José Pereira Filgueiras, conquistou, em 12 de agosto de 1823, a independência do Maranhão do jugo português.

Como presidente do Ceará e lutando pelos ideais da Confederação do Equador, a partir do Crato, Tristão Gonçalves ainda enfrentou uma comissão militar presidida pelo mercenário Lorde Cochrane. Essa co-

missão aportou em Fortaleza com 600 soldados para comandar o cerco e prisão do líder cearense. Tristão não aceitou as opções que lhe surgiram de fugir para exterior ou de se entregar à tropa mercenária. Preferiu a luta. Lutou bravamente até o fim. Foi assassinado pelo capanga Venceslau Brás de Almeida a mando de José Leão de Souza, no dia 31 de outubro de 1824.

Essa foi a heroica trajetória de Tristão Gonçalves minuciosamente reconstituída por Oswald Barroso. Produziu, também, Oswald Barroso uma rica referência bibliográfica com 69 fontes e uma extensa bibliografia para os futuros historiadores.